

Fundos de investimento: de olho no risco

Economia - Brasil

Pesquisa mostra quem ofereceu o melhor retorno em 24 meses para chegar a quatro opções de carteiras

Ivo Gonzalez

Cristina Alves

Muitos investidores acabam aplicando num fundo de investimento apenas porque já têm negócios com um determinado banco e, com isso, nem perdem tempo em saber qual foi o desempenho do seu administrador. Não tem nem certeza se puseram dinheiro no fundo mais adequado ao seu perfil de investimento. A empresa Agrif, que acompanha de forma permanente os mais de dois mil fundos de investimento oferecidos no mercado financeiro, acaba de concluir, a pedido do GLOBO, um trabalho levando em conta o histórico dos fundos nos últimos dois anos. Foram analisados fundos de ações e carteira livre, FIFs 60 dias e FACs 60 dias.

O objetivo do levantamento feito pela Agrif era saber quais as carteiras de investimento consideradas ótimas, segundo o perfil de cada investidor. Foram montadas quatro carteiras: Conservadora, Moderada, Agressiva e Agressiva Plus. No caso dos fundos de renda fixa — FIFs 60 e FACs 60 — foram pesquisados os 30 maiores em patrimônio líquido para cada categoria. Nos fundos de renda variável (ações e carteira livre), foram analisados os 30 fundos mais rentáveis com patrimônio acima de R\$ 5 milhões. O limite para a participação de um fundo na carteira era de 30%. Ou seja, escolhidos os melhores, o investidor não poderia aplicar mais de 30% dos seus recursos num mesmo fundo, para obedecer ao critério de diversificação, explica o diretor da Agrif Alain Pouchucq.

Risco é o desvio padrão das rentabilidades em 24 meses

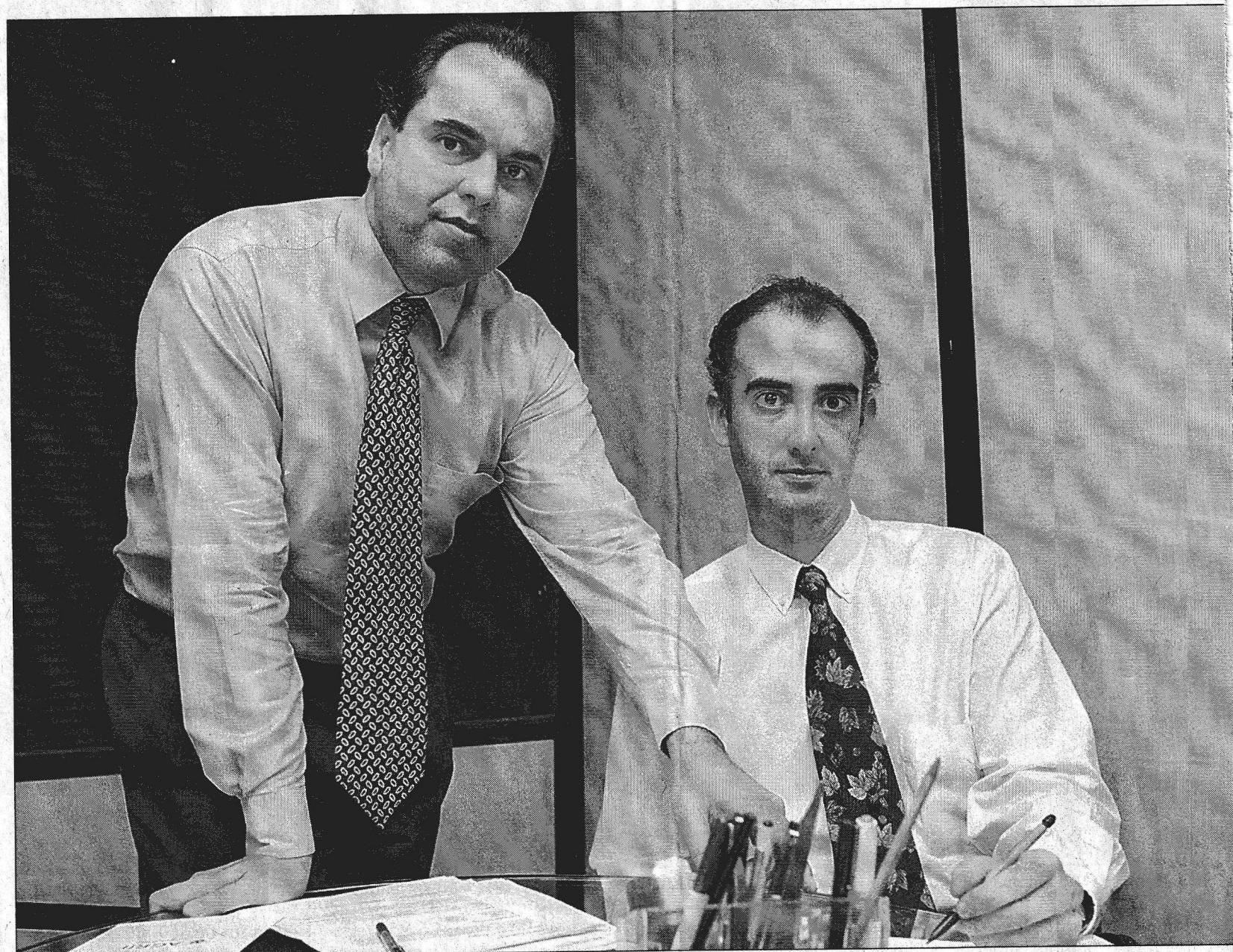
Para montar as quatro carteiras, foi considerado preciso cruzar as informações sobre a rentabilidade média mensal de cada fundo analisado e o seu risco.

— O risco é o desvio padrão da série de rentabilidades mensais durante os 24 últimos meses. Nesse caso, os extremos são a caderneta de poupança, que tem risco de 0,4% e é considerada praticamente de risco zero, e o Ibovespa, índice que mede a lucratividade dos papéis na Bolsa de São Paulo e que teve 13,57% de risco — explicou Alain Pouchucq, acrescentando, que, só entre agosto e novembro deste ano, a bolsa perdeu 38% num mês, após a moratória russa, e registrou valorização de mais de 22%, sendo a aplicação mais rentável em novembro.

O diretor da Agrif acrescenta ainda que há uma relação entre retorno e risco. Assim, por exemplo, o fato de um fundo ter apresentado retorno médio mensal de 3% e risco de 4% significa que o seu retorno histórico oscilou, na maior parte das vezes, entre menos 1% e 7%.

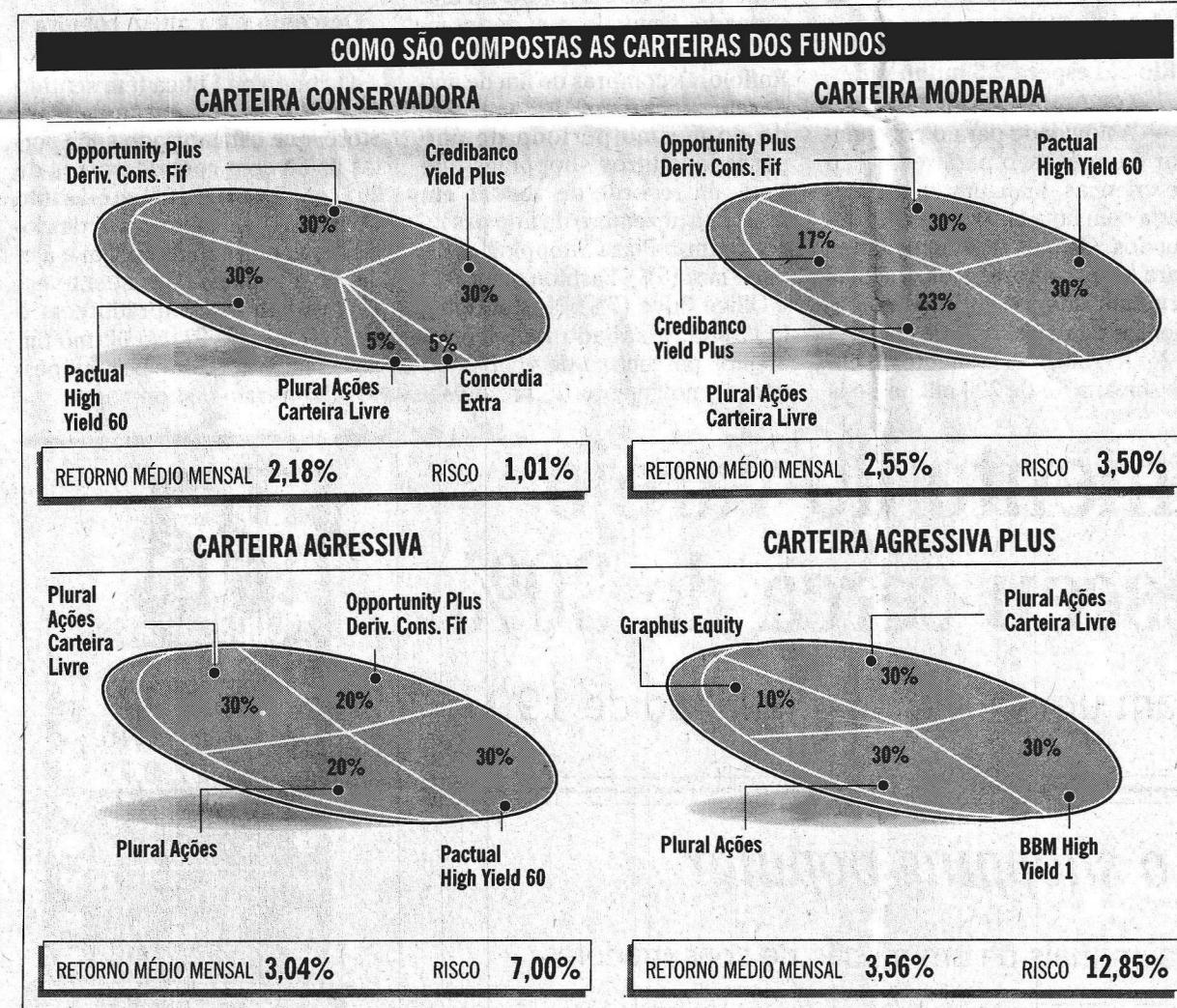
Numa carteira conservadora, 95% estão em renda fixa

Para uma Carteira Conservadora, em que 95% dos recursos estão em renda fixa e só 5% em renda variável, a Agrif chegou a uma carteira em que o retorno médio mensal era de 2,18% e o risco de 1,01%. Numa Carteira Moderada,



ALAIN POUCHUCQ, à direita, com seu sócio Rogério Werneck Figueiredo, da Agrif: pesquisa do desempenho dos fundos de investimento ao longo de dois anos

Editoria de arte



o retorno sobe para 2,55% e o risco vai para 3,50%. Na Carteira Agressiva, o retorno sobe para 3,04% e o risco duplica: 7%. Na Agressiva Plus, o retorno médio sobe para apenas 3,56%, mas o risco é elevadíssimo: 12,85%.

— Não vale a pena. Nesse caso, para ganhar apenas mais 0,5 ponto em rentabilidade, o investidor

aumenta seu risco em cinco pontos — observa Alain Pouchucq.

Alain Pouchucq lembra ainda que, para se investir em carteiras que não são de bancos de varejo, nem sempre é preciso ter um capital alto. Por exemplo, no fundo Plural Ações Carteira Livre, administrado pelo Banco Fator, que teve o maior retorno médio mensal

da amostra (4,08%), o valor mínimo é de R\$ 2.500. No Concordia Extra, da corretora Concórdia, o mínimo é de R\$ 5 mil.

Pouchucq diz ainda que, na Carteira Conservadora, o horizonte do investidor pode ser de seis meses mas, na Moderada ou Agressiva, o ideal é investir para dois ou três anos. ■